

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS CURITIBA

JANAÍNA MATIOSKI

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2011

JANAÍNA MATIOSKI

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado no curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI - Da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Dalton Arnaldo Nascimento

CURITIBA
2011

MATIOSKI, Janaína O Desenvolvimento Profissional Na Educação Física 2011. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

RESUMO

No decorrer da curta história universitária brasileira, que passou por diversas fases de evolução cabe aqui uma reflexão sobre o contexto atual da formação universitária da Educação Física, sobretudo, a continuidade dos estudos. Os objetivos do presente estudo procurou saber quem são aqueles que buscam a Formação Continuada dentro da profissão. Foram cinquenta e dois profissionais entrevistados formados em licenciatura plena ou bacharelado até o ano de 2006. Os resultados indicaram que todos eles procuram cursos de atualização para continuarem no mercado entre eles 77% continuaram sua formação acadêmica através de programas de pós-graduação. O foco de todos os que continuam estudando é a permanência na área de atuação, porém mais atualizados e com mais conhecimento. Foi observado um crescente número da participação feminina, esta que é mais estendida em anos do que a participação deles.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física, Formação Continuada, Atualização.

MATIOSKI, Janaína Professional Development in Physical Education 2011. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Completion of Course Work, Federal Technological University of Parana. Curitiba, 2011.

ABSTRACT

As the time passes by in the short brazilian academic history, which passed through many stages of evolution , that can be reflected about the actual context regarding the construction of the Physical Education by the university, on top of that the continuous studying. The actual study objective is to know wich professional are searching for a further formation inside this profession. Between fifty two interviewed professionals graduated by the full degree or baccalaureate until the year of two thousand and six. All the results shows that every interviewed person searched upgrades to continue in the marked and between them 77% kept studying through postgraduate programs. The ideals of all who kept studying is to stay in the area which they actuate, but with further knowledge. Was observed an growing number in female participation is more enduring trough the years , against the male professionals.

Keywords: Physical Education, Further Formation, Upgrade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS.....	7
2.1 Geral.....	7
2.2 Específicos	7
3 PROBLEMA.....	7
4 JUSTIFICATIVA.....	7
5 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	9
6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	10
7 GRADUAÇÃO NO BRASIL.....	13
8 FORMAÇÃO EM BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	14
9 LATU SENSU E STRICTO SENSU.....	15
10 POR QUE A BUSCA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA?.....	17
11 FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, MINISTÉRIO DOS ESPORTES E CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	17
12 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
13 MOTIVAÇÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA.....	22
14 METODOLOGIA.....	24
14.1 Tipo de Estudo.....	24
14.2 População e Amostra	25
14.3 Critérios de inclusão e exclusão	25
14.4 Técnicas de análise de dados.....	25
14.5 Banco de dados.....	25
14.6 Riscos e benefícios.....	25
15 RESULTADOS.....	26
16 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
17 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO 1.....	41

1 INTRODUÇÃO

É questão de sobrevivência, hoje, manter-se atualizado com a realidade em que se vive. Para acompanhar a velocidade em que ocorrem as mudanças e exigências do mercado de trabalho, é necessário ser um profissional apto para identificar necessárias alterações nos modelos tradicionais e, assim saber lidar com novas propostas.

Para tanto, tem a obrigação por parte do profissional, continuar estudando, trocando experiências e participando ativamente do processo de formação continuada. Houve um tempo em que saber ler era garantia de trabalho e do saber, depois, não mais suficiente saber ler, os estudos formais tornaram-se praticamente obrigatórios. No início do século XX no Brasil a graduação era a nova garantia, hoje, porém, com o aumento das Instituições de Ensino Superior (IES) todo esse processo faz parte do início da identificação do indivíduo com alguma área específica, tratando-se apenas de uma das partes da chamada Formação Profissional (FP).

Todo esse processo não é só um direito de igualdade de oportunidades e desenvolvimento social, mas sim uma subjetiva “imposição” para se adequar às incessantes mudanças num âmbito geral da sociedade (NASCIMENTO, 2009). Segundo Dominicé (1985), a formação pode ser compreendida como uma “construção progressiva”, que molda o ser humano. Os conhecimentos adquiridos se relacionam ou modificam aquilo que já foi estabelecido como referência. Essa Autoformação pode ser, como alguns autores chamam, de Identidade.

O tema Desenvolvimento Profissional (DP), é hoje muito mais discutido do que há vinte anos, como comprova o estudo de Castro e Werle, 2002, onde constataram um crescente número de publicações com este tema no período de 1984 a 2000. No que tange o DP na EF, é necessário antes, verificar o histórico da importância que damos ao movimento humano, desde a necessidade de sobrevivência na Pré-História, passando pela cultura na Grécia

Antiga, das fases políticas que influenciaram a EF no Brasil até a concepção como Profissão que vemos hoje.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Averiguar quais são os fatores que motivam a Formação Continuada dos profissionais de Educação Física na cidade de Curitiba.

2.2 Específicos

- Identificar o motivo da busca pelo curso de Educação Física.
- Identificar os aspectos motivacionais dos profissionais de Educação Física que buscam o Desenvolvimento Profissional;
- Verificar nos profissionais de Educação Física quais são as áreas de maior interesse para a formação continuada

3 PROBLEMA

Quais são os fatores que motivam os profissionais de Educação Física da cidade de Curitiba na busca da formação continuada?

4 JUSTIFICATIVA

No decorrer da curta história universitária brasileira, que passou por diversas fases de evolução cada uma adaptada ao contexto social, político, religioso ou econômico, cabe aqui, uma reflexão sobre o contexto atual da

formação universitária da EF, sobretudo, a continuidade dos estudos. Um importante marco do final do século XX foi a Globalização, que tornou a informação uma grande moeda de investimento do indivíduo para seu desenvolvimento, aperfeiçoamento e sucesso em seus empreendimentos. O acesso à informação tornou-se rápida e, principalmente, mutável, fato de suma importância para a forma com que lidamos com as verdades agregadas ao nosso conhecimento.

Compreendemos a formação nas universidades como a aquisição técnica, primária e generalizada do conhecimento na área desejada. Uma vez adquirido esses conhecimentos, torna o indivíduo apto a lidar com elas, mas não a usá-las como verdades absolutas. A Educação Física possui várias faces tendo a continuidade da formação a possibilidade de agregar novos saberes e, cabe ao profissional saber utilizá-la para o aperfeiçoamento da própria informação, contribuindo assim com sua profissão e com quem se utiliza dela.

Pryjma (2009), afirma que o estudo sobre o Desenvolvimento Profissional deve ser mais estimulado, visto que é um tema atual e complexo sendo ainda uma responsabilidade direta do Ensino Superior. Moreira e Tojal (2009), sobre uma pesquisa nos egressos nos programas de pós-graduação na área da Educação Física, também utilizaram o tema Desenvolvimento Profissional para uma reflexão na contribuição para uma intervenção pedagógica nos cursos de Educação Física. Estes autores se basearam na idéia de uma re-formulação nos currículos do curso, visto que ainda possuem tendências esportivistas e aos modismos da nossa época, sendo o Desenvolvimento Profissional uma forma de expandir as possibilidades das manifestações corporais. Tani (2000) também concorda que a Educação Física como prática profissional é muito recente, por isso cabem muitas reflexões a serem feitas para que seja uma profissão bem estruturada. O artigo 43 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, sobre o Ensino Superior, sugere a responsabilidades destas instituições na colaboração com a formação contínua para o aperfeiçoamento cultural e profissional. Também, no artigo VIII do Estatuto do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), na publicação nº

237 de 2010, seção II sobre as finalidades dos CREF's, estes também devem “- estimular, apoiar e promover o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de Profissionais de Educação Física registrados em sua área de abrangência”.

A importância deste estudo se concentra nos cursos de extensão onde verificam-se diversas áreas de aprofundamento e pesquisa, onde será identificada a direção de maior procura pelos Profissionais de Educação Física. Os resultados podem servir como uma vertente para a reflexão sobre as ementas das grades curriculares dos cursos de Bacharelado em Educação Física, e assim verificar se existem lacunas e estudar formas para minimizá-las contribuindo para uma nova forma de pensamento sobre elas. Ainda, refletir sobre o motivo que leva estes profissionais a continuar os estudos, podendo assim, caracterizar o atual momento em que se passa esta profissão.

Sob outra perspectiva, mais prática, o estudo pode mostrar como anda o interesse desses profissionais acerca da Educação Física. Quem são estes profissionais da saúde que contribuem ou não com o exercício da profissão? Este estudo serve, sobretudo, para os responsáveis dos cursos superiores que formam novos profissionais desta área, partindo para uma reflexão sobre o desenvolvimento do curso regular, pois, que tipo de profissional da saúde eles estão educando?

5 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Existem relatos na história do uso das atividades físicas para um determinado fim há pelo menos 3000 anos a.C., sendo os motivos de higiene, caráter guerreiro, religioso, cultura física dentre outros (MORAIS, 2009). Mais ainda, Ramos (1983), considera as atividades físicas desde a Pré-História (luta pela existência), passando pela Antiguidade como elemento de grande importância para a cultura, esquecida na Idade Média e, a partir da Idade Moderna, como um papel mais importante na sociedade.

Não há dúvidas que Grécia (mais precisamente Atenas), foi a cultura que mais se dedicou aos estudos do corpo, visto que as Atividades Esportivas estavam inclusas na base de formação do cidadão ateniense, juntamente com os estudos de letras e música (JAEGER, 1992; RUBIO, 2002 apud ARANTES, 2005). Não à toa, preservamos até hoje, os Jogos Olímpicos, que datam de 776 a.C. originados na Grécia. Na Idade Moderna, verifica-se uma organização das Atividades Físicas. Suécia, França e Alemanha tornam-se os principais centros-culturais e detinham conceitos diferentes das práticas (RAMOS, 1983).

Diversas fases da Educação Física trouxeram pra história desta profissão muitos enganos, não por irresponsabilidade de seus representantes, mas por necessidades de uma sociedade que não sabia ao certo o que era e o do que se tratava. Atualmente a essência da Educação Física trata da motricidade humana que com seu acervo é capaz de produzir conhecimentos e ainda colaborar com as subdisciplinas (LIMA, 1994 apud MASSA, 2002).

6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A história da EF no Brasil acompanha os movimentos políticos que nosso país atravessou o que afetou significativamente os limites da profissão hoje, como sugere Massa (2002) autor que baseou seus estudos no que ele chama de crise de identidade. Segundo Darido & Rangel (2005), no Brasil observa-se as fases da EF: Higienista (final do século XIX e início do século XX), onde preconizava a saúde popular, utilizando os métodos ginásticos sueco, francês e alemão; Militarista (década de 1930), preparando uma geração guerreira pronta para o combate (momento da primeira Guerra Mundial); Esportivista (décadas de 1960 e 1970), empregados métodos calistênicos nas escolas, ainda com interesses militares e impulsionados com o sucesso da seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970; e Recreacionista (décadas de 1980 e 1990), momento crítico dos profissionais nas escolas, pois havia pouca intervenção destes nas aulas.

Sobre a EF no Brasil, Marinho (1941), é a melhor fonte dessa história e é seguidamente citado em estudos sobre a origem da EF no país, seu escrito começa lembrando das atividades que os índios praticavam de maneira mais natural sob um instinto de sobrevivência. Depois, aponta D. Pedro II como um grande incentivador das artes e das AF, fato que pode ser comprovado por seus incentivos na introdução dos exercícios nas escolas. No Brasil, durante o Império com D. Pedro II (1840 até 1889), foram registrados os primeiros escritos sobre a Educação Física, com forte ênfase na higiene e saúde (LEANDRO, 2002). A mesma autora relata a importância da medicina (higienista) naquela época para a introdução da Educação Física unindo às necessidades da construção da identidade do país que estava sob forte presença militar à qual buscava caracterizar a população como forte e saudável. A EF é usada como instrumento de interventora e promotora da saúde física e mental além de regeneradora da nova raça sendo seus contribuintes os médicos higienistas.

D. Pedro II abriu portas para vários decretos, leis e escritos voltados para a EF, fato comprovado na data de 1870 em que constava como matéria obrigatória nas escolas. A presença da força militar no Brasil que se estendeu por vários anos foi fortemente influenciada pelos costumes dos imigrantes militares alemães, que com seus conhecimentos cooperaram com o enriquecimento do acervo gímnico (MELO, 2000 apud LEANDRO, 2002). Rui Barbosa, porém, não era a favor da ginástica alemã, defendendo uma EF mais harmônica que promovesse a higienização e não a eugenia além de que não houvessem excessos e militarismo subliminar (MARINHO, 1941 apud LEANDRO, 2002). Mesmo com a grande presença militar no governo foram os conhecimentos da medicina que caracterizaram este primeiro período no Brasil, a EF Higienista, visto como uma prática profilática no combate de surtos e doenças que poderiam significar riscos à população (LEANDRO, 2002). Verifica-se que os militares disseminaram a EF, com a contribuição de D. Pedro II, mas sendo a medicina a responsável por delinear-la de acordo com os interesses maiores que eram a saúde das pessoas. Essa EF durou vários anos, mais precisamente até o Estado novo.

Antes e durante o governo de Getúlio Vargas, década de 1930, o Brasil passou por um período conturbado em sua política. É o momento em que a indústria começa a ganhar mais espaço e importância assim como as discussões sobre a educação. É neste período a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, obrigatoriedade da EF no ensino secundário e do primeiro curso superior (civil) (LEANDRO, 2002). Para esta mesma autora o Estado Novo necessitava construir uma nova população que tivesse orgulho nacionalista utilizando-se do desenvolvimento nacional voltado para o novo homem brasileiro. A EF assume características militares para a formação de um povo com fortes influências militares para o combate e para isso, seus gestores deveriam ter excelente forma física e agilidades acrobáticas (LEANDRO, 2002) O Departamento de Educação, baseado nos métodos militares, padronizou a EF através da política esportiva (para o serviço militar) enfatizando os ensinamentos na defesa nacional de um país em franco desenvolvimento visando também a formação de um povo apto para a guerra (momento da Segunda Guerra Mundial), (LEANDRO, 2002). As décadas de 1950 e 1960 foram acompanhadas pelos manifestos estudantis, impulsionados pela União Nacional dos Estudantes (UNE) promovendo reflexões sobre as IES e também da EF (LEANDRO, 2002). Entretanto quase nada distinguiu o período Higienista do Militar, pois era uma disciplina fundamentalmente prática com poucos recursos teóricos (DARIDO, 2003).

A década de 1960 no Brasil foi testemunha de alguns importantes fatos ligados aos esportes principalmente ao futebol e ao boxe. Isso trouxe à tona novos assuntos e interesses para a população, visto que assuntos de política eram muito fortes, sobretudo entre estudantes. Nesse momento, com a tomada militar no governo em 1964, que a EF toma novos rumos em direção ao esporte tanto como anseios populares quanto para usá-la para desviar o foco da questão política (CASTELLANI FILHO, 1993 apud DARIDO, 2003). Esta fase Esportivista (também chamada de Tecnicista e Mecanicista) caracterizou alguns moldes que vemos até hoje, tais como: o “professor-treinador”, o esporte “na” escola, os meios mecânicos e repetitivos da prática e o menosprezo pelas

características individuais (DARIDO, 2003). A mesma autora também relata pontos importantes e positivos como os inúmeros estudos de fisiologia do exercício e a biomecânica do esporte valorizando a cientificidade desta área.

Porém, foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que a EF passou por diversas mudanças em seu conceito e condução passando a uma EF mais generalista, resultado dos constructos de décadas anteriores (DARIDO; RANGEL, 2005; BRANCK, 1999 apud KURIKI, 2007; NASCIMENTO, 2009). Esses novos saberes relacionados à motricidade humana abriu um leque sobre o conhecimento do ser-humano em seu sentido biológico além de abrir a questão da EF na escola e fora dela diferenciando-as (BETTI; BETTI, 1996). Todas estas fases acabaram por descaracterizar a profissão criando estereótipos que se construíram ao longo da história do país e que se confundiram com os enganos ideológicos de interesses políticos. Na tentativa de construir uma identidade, atualmente contamos com uma EF mais organizada, com a representação de um Conselho Federal, que desde 1998 é responsável pelas diretrizes da profissão. Os avanços nos estudos da EF, hoje relacionado à ciência, pedagogia e tecnologia, levam esta profissão em diferentes níveis, tendo como principal preocupação a saúde e em outros níveis a recreação, o desporto, a terapia, o estilo de vida e as relações socioculturais (NASCIMENTO, 2009).

7 GRADUAÇÃO NO BRASIL

A primeira IES no Brasil iniciou suas atividades em 1912 na cidade de Curitiba, a Universidade Federal do Paraná, ofertando os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Medicina e Cirurgia, Comércio, Odontologia, Farmácia e Obstetrícia (UFPR). Hoje no Brasil, conta-se com 228 Instituições públicas voltadas ao ensino superior (MEC), seis Universidades e mais de vinte faculdades em Curitiba estas que ofertam diversos cursos divididos entre as ciências: Exatas, Biológicas e Humanas. Para todas as áreas, a duração do

curso pode variar de 4 a 6 anos. No que tange a graduação, a Lei nº 9.394, de 1996, estabelece no artigo 43, parágrafo II, que o ensino superior deve formar diplomados aptos a atuarem profissionalmente além de instigá-los a serem atores do desenvolvimento da sociedade além de estenderem suas formações (BRASIL, 1996).

Esta inserção refere-se ao enquadramento do indivíduo para uma determinada função, onde irá desempenhar um papel específico referente àquela profissão. Sobre as diversas formações e a demanda, Ghilardi (1998) afirma que a Universidade presta serviço para a sociedade formando e qualificando os recursos humanos para diferentes necessidades cabendo a este profissional a solução de problemas.

8 FORMAÇÃO EM BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Mesmo com um representativo histórico no mundo que vem desde a Grécia Antiga, foi somente em 1861, na Amherst College, Massachusetts, nos Estados Unidos, iniciado o primeiro curso superior de Educação Física, seguidos pelas Universidades de Vassar, Harvard, Wellesley, Yale entre outras, (SAGE, 1984, apud MASSA, 2002). Massa (2002), refere-se à Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo, como o primeiro curso que formava PEF. A primeira forma de sistematização da EF, ocorreu em 1922 e em 1929, o Centro Militar de Educação Física (para militares e civis) além do Curso Provisório (um ano), também para militares e civis que formavam professores primários. Sobre este último, Melo (2000 apud Leandro, 2002) nos diz que a EF não tinha uma denominação padrão tendo os militares recebido titulação de instrutores e professores especializados que iriam formar oficialmente a primeira turma diplomada.

Em 1933 é criada a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), reconhecida como a primeira escola formadora de profissionais em nível

superior na área da EF. Até o final da década de 1930, os PEF eram compostos por militares (LEANDRO, 2002).

Sob o governo de Getúlio Vargas, a primeira escola voltada de EF, foi fundada em 1934 na Universidade de São Paulo, em São Paulo, sendo uma formação pouco científica, pois os responsáveis pelas atividades físicas em escolas eram os militares devido sua influência no país na época (FARIA, 1987 apud MASSA, 2002). Tinha enfoque nos esportes e nenhum no sentido acadêmico, pois o intuito era formar profissionais. O lema da instituição era aprender a executar para poder ensinar (USP). Sobre o início da profissionalização da EF dentro da licenciatura no Brasil, Ghilardi (1998), afirma que a formação era somente a reprodução de informações valorizando a tecnicidade da atividade motora.

Com a preocupação da cientificidade, estudiosos colaboraram com a dinamização da EF e propuseram a distinção de duas linhas de pesquisa, a licenciatura e o Bacharelado. Esta última possibilitou separar a EF escolar (licenciatura) da EF que atenderia o mercado que procurasse a tecnicidade da atividade motora. Essa divisão proporcionou mudanças no currículo do curso dividindo a EF voltada para a educação e outra para o “desenvolvimento do corpo” além de alterações no currículo que oportunizou caracterizar a área e o profissional (USP; GHILARDI, 1998; SANTOS; SILVESTRINI; DA SILVA, 2008). A exemplo da Universidade de São Paulo, outras a acompanharam e ofertaram o curso. Em Curitiba o primeiro curso de EF ocorreu em 1977 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mesmo ano da primeira pós-graduação em EF no Brasil, na Universidade de São Paulo. Atualmente conta-se com dez IES em Curitiba que disponibilizam o curso.

9 LATU SENSU E STRICTO SENSU

É, através da Formação Superior, que se observa a instrução, educação e renovação da reflexão educativa (PINEAU, 1985). Segundo Pontes

(1998), a Formação está associada a alguns fatores bem definidos, sendo eles: o direcionamento para um determinado curso, movimento externo que é assimilado pelo indivíduo, objetiva os pontos de menor conhecimento, orienta o indivíduo através da fragmentação dos assuntos através de disciplinas e, por fim, seu ponto de partida é a teoria sendo que muitas vezes não evoluindo para a prática. Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as IES dividem suas orientações em:

- Graduação,
- Lato Sensu – Pós-graduação, MBA e Especialização
- Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado

A sequência que direciona o foco dos estudos efetuados na graduação é possível no Lato Sensu que direciona o bacharel para uma linha mais específica de sua linha científica enquanto que no Stricto Sensu são mais direcionados para linhas de pesquisa em sua área de estudo.

Essa continuidade não se especifica por profissão e sim por exigências das Instituições de ensino (CAPES, 2004). Isso quer dizer que um PEF, caso atenda às exigências, pode se especializar em uma área comum à Medicina. Essa possibilidade dá à EF um enorme dinamismo totalmente aplicável à profissão podendo atingir diversos públicos com diversas necessidades.

No que diz respeito à Pós-Graduação voltada para a EF, a primeira Universidade a oferta-la foi novamente a de São Paulo, em 1977 e em 1989 o doutorado, na mesma instituição (TANI, 2000). O mesmo autor observa o crescente número de cursos de EF sendo ofertados por todo o país sem a devida qualificação, números que não devem servir de base para aumentar o número de pós-graduações, visto que não existe proporcionalidade.

10 POR QUE A BUSCA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA?

A geração atual destes profissionais tiveram uma EF escolar das fases Esportivista ou Recreacionista, momentos de pouca cientificidade da Educação Física Escolar que acabaram por passar um estereótipo desta profissão, como por exemplo, um curso em que não é necessário muito estudo.

Em uma palestra oferecida pela Body Systems em 2010, foi aberta uma pergunta simples, de resposta aberta e concisa, em que os participantes deveriam responder por qual motivo escolheram a EF como profissão. Os 62 (sessenta e dois) participantes responderam com as seguintes justificativas (com uma ou mais respostas): 35,48% (22) relacionamento interpessoal, 19,35% (12) afinidade ao esporte (incluindo motivo de serem ex-atletas) mesma quantidade daqueles que responderam que se importam em transmitir a importância da AF, 16,12% (10) apenas responderam que gostavam da área, 8,06% (5) por falta de opção ou como segunda opção da escolha no vestibular e por fim, 12%(10) por outros motivos.

Santos, Silvestrini, e Da Silva (2008), verificaram motivos semelhantes no estudo feito em São Paulo onde comparavam PEF das academias e escolas. As justificativas pela escolha da EF variaram entre as respostas: atletas ou ex-atletas, gosto pelo esporte e pela surpresa pela cientificidade do curso. De maneira geral, são aqueles que possuem alguma identificação com as práticas corporais, com algum esporte específico e/ ou relacionamento interpessoal.

11 FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, MINISTÉRIO DOS ESPORTES E CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Da mesma forma que a EF acompanhou as mudanças na política, assim foi também com as organizações que a regulavam defendendo os interesses de acordo com as necessidades de cada época. Não sendo as

únicas, porém as que merecem destaque são: Federação Internacional da Educação Física, Ministério dos Esportes e Conselho Federal de Educação Física.

Na Europa e Estados Unidos já havia encontros de especialistas em EF onde ocorriam trocas de experiências e publicações de estudos. Para formalizar esses encontros, foi organizada em dois de julho de 1923 em Bruxelas na Bélgica, a Federação Internacional da Educação Física (FIEP). Hoje conta com uma revista científica que circula pelo mundo desde 1931 e mais de cem congressos já realizados em diversos lugares, busca promover a EF de lazer, de AF, de educação, de recreação e de esporte para todos (FIEP, s/d).

Na mesma época um importante órgão começou suas atividades como uma sub-divisão do Ministério da Educação e Cultura, através da Lei número 378 de 13 de março de 1937, onde foi criada a Divisão de Educação Física em que cinco dos seis responsáveis por este, eram militares e somente um professor da área da EF, (BRASIL, s/d). Após inúmeras mudanças na nomenclatura e diversos responsáveis, dentre eles professores e até mesmo ex-atletas, ocorreu em 2003 a criação do Ministério dos Esportes, composta por três secretarias nacionais que são responsáveis pelo: Esporte Educacional, Desenvolvimento de Esporte e Lazer e Esporte de Alto Rendimento (BRASIL, s/d). Bem mais tarde, o primeiro órgão que regulamentou as disposições da profissão de EF foi o Conselho Federal de Educação Física que ocorreu em primeiro de setembro de 1998 através da Lei 9696, possibilitando a criação dos Conselhos Regionais que fiscalizam o exercício desta profissão (BRASIL, 1998).

12 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA

Nossa atual realidade atravessa um difícil processo de adaptação ao grande fluxo de informações às quais devemos estar atentos. Cabe a cada um de nós sabermos quando e como aproveitar as oportunidades de melhoramento de nossa formação. Simões e Simões (1997 apud NASCIMENTO, 2009), faz

uma colocação sobre a “identidade psicossocial”, caracterizando o indivíduo em duas totalidades, pessoal e social, sendo estes dois norteados pela percepção que ele tem do mundo materializando-a através de atitudes, valores e motivações. Gaston Pineau (2008) defende Dumazedier, quando esse baseia suas idéias no fato de que o DP é regulado por uma vontade própria em que o indivíduo toma posse do desejo de libertar-se de verdades cegas e do conformismo cultural. A partir daí, Pineau discorre sobre a Autoformação (coletiva ou individual) como uma modificação interna em que o indivíduo se reinventa para as novas abordagens. Nesta direção, podemos ver que os processos externos algumas vezes são capazes de criar novas percepções no indivíduo possibilitando a ele uma nova forma de lidar com a realidade em que se encontra, podendo assim, traçar novos caminhos para seu enquadramento. Giovani (1998), concorda que não podemos nos limitar aos espaços formais e escolarizados para nossa formação, estes que são espaços que iniciam com a escolha da profissão e se estendem nos momentos do exercício profissional durante a carreira.

De uma maneira geral, entende-se como Desenvolvimento Profissional (DP), um processo de aperfeiçoamento de um determinado conhecimento, que, segundo Januário et al (2009) não começa e não termina na formação inicial. Pode ser realizado através de cursos, projetos, trocas de informações, leituras, reflexões, etc (Ponte, 1998). Para o mesmo autor foca a especialidade, interage teoria-prática e faz com que ocorra uma participação ativa do indivíduo no processo levando-se em conta o sujeito cognitivo, afetivo e social. Para Carré (2001 apud TOJAL 2006), ocorreu uma maior duração na formação inicial assim como oferta da formação contínua, opções que fazem muita diferença para o profissional que necessita de inúmeras competências para se garantir na carreira e “gerir da melhor forma a sua mobilidade profissional”. No atual contexto social, político e econômico a formação continuada é de fundamental importância para a atuação profissional enquadrando-se no contexto social (PRYJMA, 2009). A formação continuada ocorre nas IES com as Graduações, Pós-Graduações, Mestrados, Doutorados

ou mesmo a segunda graduação, esta que complementa a primeira. A ação universitária, como dita anteriormente, não é o início do DP, mas uma forma de direcionar o foco de interesse e, dentro do Ensino Superior (ES), pode-se verificar áreas de conhecimento que se sub-dividem em cursos que se especificam dentro do contexto.

Sabe-se que hoje o DP é um tema muito comum no setor empresarial, visto que para se manter competitivo no mercado, é necessário garantir a qualidade da prestação do serviço. Dentro deste mesmo contexto, Fleury e Oliveira Jr.(2002), afirmam que são as pessoas os maiores recursos para estratégias de mudanças no atual cenário e, para Habert (2001), visando a modernização do sistema produtivo, as empresas devem estruturar-se também como organizações educacionais. Este autor também cita a globalização como um dos componentes que torna o DP imprescindível para a sobrevivência.

Mais do que base de sustentação é uma necessidade que constata-se nos primeiros exercícios da profissão ligados à área de estudo. Neste contexto, Tardif (2000) baseia suas idéias nos autores Fenstermacher (1994), Tardif e Lessard (1999), Wideen et al. (1998), Schön (1983); Zeichner e Hoefft (1996) para que não haja a confusão entre os saberes profissionais aos ligados à formação universitária, visto que durante a prática profissional o dia-a-dia seleciona quais conhecimentos adquiridos na formação universitária são realmente necessários. Sob o mesmo problema, Nascimento (2009) faz uma citação de Veenman apud BRAGA (2001), descrevendo a situação como choque de realidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) sugere que “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença” e (segundo o Ministério da Saúde, 2004) fazem parte da promoção da saúde as seguintes profissões: Assistentes Sociais, Biólogos, Profissionais de Educação Física, Enfermeiros, Farmacêuticos, Fisioterapeutas, Fonoaudiólogos, Médicos, Médicos Veterinários, Nutricionistas, Odontólogos, Psicólogos e Terapeutas Ocupacionais. A justificativa para a inclusão da EF na área da saúde, está descrita no estatuto do Conselho Federal de Educação

Física (CONFEEF, 2010), em seu capítulo II sobre o campo e atividade profissional, que dispõe no artigo 10, a responsabilidade do profissional na promoção, proteção e reabilitação da saúde. Estudos na epidemiologia provam que pesquisas na área da saúde podem ser bastante amplas, devido sua área de abrangência de investigação, facilmente verificado em qualquer um dos seus conceitos. Dentro desse quadro de profissões, o PEF pode se inserir em uma ou mais destas áreas para construir sua linha de conhecimento, a fim de colaborar com sua atuação em um determinado segmento, pois, como sugerem Bressan (1982) e O'Hanlon & Wandzilak (1980 apud MASSA, 2002), a EF compõem-se de subdisciplinas. O mesmo autor questiona se ao realizarmos estudos como fisiologia, nutrição, psicologia entre outros, não estaríamos desviando o foco da profissão. Ele mesmo responde baseando-se em Tricoli (1993) e Lima (1994) dizendo que estamos nos aproximando das “disciplinas mães” e não da EF em si. Ainda, sob outra perspectiva, a publicação de 2007 do Ministério da Saúde – Por Que pesquisa em Saúde? Textos para a Tomada de Decisão –, um dos vários textos sugere que a pesquisa nessa área deve ser, não apenas em, mas para a saúde, isto é, contribuições de outras profissões que, indiretamente, permeiam a questão epidemiológica. Um dos exemplos citados no texto, é em relação à contribuição da engenharia que melhorou a qualidade dos aspectos sanitários, intimamente ligados à diminuição de ocorrência de diversas doenças colaborando com a saúde coletiva, assim deve-se esclarecer quais conhecimentos serão utilizados para quais manifestações está ocorrendo a preparação (TOJAL, 2003).

Numa busca de identidade profissional, tendo conhecimento do grande fluxo de informações, podemos nos compor de uma formação multifacetada focada nas habilidades que se enquadram na direção da mutante realidade em que nos encontramos, ainda, objetivar a promoção do e para o indivíduo em sua relação social, cultural e higienista além do mental e espiritual, preocupações que vão muito além do desempenho físico (NASCIMENTO, 2009).

13 MOTIVAÇÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

Como visto anteriormente, a EF é uma profissão que foi regularizada muito recentemente e dada sua importância e imensa procura por ela, hoje existem inúmeras possibilidades de complementação dos estudos nesta área. Mas quem são estes profissionais que se condicionam voltar a estudar? E principalmente, o que os leva a tomar esta atitude? De maneira objetiva, pode-se dizer que o foco desta questão é uma discussão sobre Motivação.

Do latim *Movere* (mover), Motivação tem inúmeras disposições de conceito, visto que pode ser estudado por diversos focos, sendo cabível para este estudo a perspectiva da psicologia e administração. Sob uma perspectiva da administração, Baiocchi e Magalhães (2004) apud London, (1987), relacionam a personalidade com a escolha da profissão assim como a forma que vão leva-la, isto é, como será dado o desenvolvimento profissional do indivíduo.

Em um dos estudos de Abraham Maslow foi proposto um modelo hierárquico de necessidades inerentes ao ser-humano em que ele coloca cinco níveis na seguinte ordem: fisiológicas, segurança, amor, estima e auto-realização. A hierarquia supõe que existem prioridades a serem realizadas em determinados períodos da vida e seguem a ordem descrita acima (MAGALHÃES, s/d). Relacionado ao tema deste trabalho, a necessidade em questão refere-se à segurança onde o indivíduo precisa sentir-se amparado financeiramente, estruturalmente e no sentido de proteção (MAGALHÃES, s/d). Dentro deste contexto da procura pela estabilidade Baiocchi e Magalhães (2004) apud London, (1987), apresentam três fatores importantes para o processo de adaptabilidade ao trabalho, caracterizando os indivíduos nos fatores: resiliência, *insight* e identidade. O primeiro indivíduo é dotado de uma capacidade maior dentre os indivíduos para superar dificuldades relacionadas à carreira, aquele com talento nato para se utilizar das próprias forças para superar os obstáculos que podem atrapalhar seu trabalho, isto tudo sem perder o próprio controle. Este indivíduo possui tendências tanto para seu desenvolvimento profissional quanto para seu desenvolvimento pessoal. O segundo é um termo vindo do inglês que

significa introspecção, discernimento e neste contexto é como o indivíduo se percebe dentro daquela situação (profissão). Pode também ser entendido como a compreensão de como ele pode se colocar na profissão, ou como na tradução, a introspecção que pode levar à natureza da mais profunda verdade, dentro daquilo que a pessoa acredita. Este fator pode ser utilizado para o indivíduo estabelecer metas. A identidade refere-se à afetividade do indivíduo com a carreira levando ou não ao seu comprometimento para com ela. É a construção e o molde do sujeito na profissão.

A Motivação é algo intrínseco, totalmente pessoal como muito bem discorre Bergamini (1990), ainda, o comportamento motivacional próprio é de cada um e “se serve de motivos externos”. Ela exemplifica três tipos de personalidade, sendo: entusiastas, diplomatas e os lógicos. Aqueles que possuem incrível entusiasmo natural são semelhantes àqueles indivíduos representados por London, os resilientes. Estes podem até se utilizar das adversidades como um desafio, para que possam melhorar ainda mais sua profissionalidade. A segunda personalidade são os que demonstram total responsabilidade para com suas obrigações além das necessidades alheias, os diplomatas possuem uma preocupação natural para com os outros. Por fim, os indivíduos lógicos mantêm o foco procurando resolver problemas com a maior rapidez de maneira sistemática e racional. São aqueles que não se utilizam da intuição para resolver questões importantes, mas sim dados. Ainda dentro das personalidades, Bastos (1999), também caracteriza quatro personalidades, sendo: o cosmopolita-localista que é altamente comprometido com a carreira e a organização, o cosmopolita que é altamente comprometido com a carreira e pouco com a organização, o localista que é pouco preocupado com a carreira e muito com a organização e os nem localistas e nem cosmopolistas que não se preocupam nem com carreira e nem organização. Os resultados do trabalho de Baiocchi e Magalhães (2004), revelam que os indivíduos que se identificam, planejam e enfrentam as dificuldades com e no trabalho, indicam um positivo comprometimento profissional.

Bzuneck e Cardoso (2004) em seus estudos citaram quatro tipos de personalidades encontradas nas universidades, sendo: aqueles voltados ao aprendizado, à ego-aproximação, à ego-evitação e alienação-acadêmica. O primeiro refere-se aos que se utilizam do esforço pessoal e apreciam desafios, o segundo preocupa-se em parecer inteligente, o terceiro procura não parecer incapaz tomando outros como referência e o último quer sucesso sem esforço.

Os estudos citados acima indicam que existem fatores intrínsecos muito importantes na direção que o indivíduo dará à sua carreira e nos leva a acreditar que o DP é algo próprio algo como uma pré-disposição que precisa somente de um incentivo para materializar-se.

14 METODOLOGIA

14.1 Tipo de Estudo

Demo (1989) apud Martins (2004), descreve a metodologia como “conhecimento crítico” que “questiona” determinada realidade. A realidade que será discutida aqui é a investigação acerca do interesse dos Profissionais de Educação Física pelo próprio aperfeiçoamento técnico inerente à sua profissão.

O presente estudo é de cunho qualitativo que, segundo Neves (1996) é um tipo de estudo que ganhou espaço na educação nos últimos trinta anos. Ainda, é um estudo de interesse amplo que reúne dados descritivos (contato direto com a situação estudada), sendo para a compreensão de fenômenos sob a visão e perspectiva do público participante para que assim possam ser feitas interpretações daquelas informações recolhidas (NEVES, 1996). O estudo também é de caráter investigativo através de aplicação de questionário (guião de entrevista) composto por onze perguntas. Este questionário foi aplicado em profissionais que estão atuando no mercado de trabalho com uma experiência mínima de 5 anos de profissão e que atuam nas mais diversas áreas da Educação Física em Curitiba e região metropolitana.

14.2 População e Amostra

O guião de entrevista foi distribuído para 52 profissionais de Educação Física que possuem no mínimo cinco anos de experiência formados em bacharelado ou licenciatura plena. No total foram 32 homens de vinte e sete a quarenta e sete anos e

14.3 Critérios de inclusão e exclusão

A inclusão na amostra são profissionais com 5 anos de experiência e exclusão aqueles que não comparecerem no dia da entrevista ou não responderem adequadamente o questionário.

14.4 Técnicas de análise de dados

A técnica de análise de dados deste estudo foi realizado por análise de conteúdo que, segundo Bardin (2004 apud NASCIMENTO, 2009) é a intenção de estudar quais são as informações relativas ao objeto, obtidas através de técnicas de análise, procedimentos sistemáticos e foco na descrição dos indicadores.

14.5 Banco de dados

Não se aplica

14.6 Riscos e benefícios

Não há riscos, pois o profissional foi entrevistado conforme agendamento e local de sua preferência. E os benefícios serão referentes às

questões do profissional de Educação Física que está exercendo a sua profissão e a pesquisa nos dá algumas respostas para alguns questionamentos sobre a profissão e a busca de conhecimentos inerentes à sua área de atuação e os motivos aos quais estes profissionais buscam aperfeiçoar-se ou não dentro da sua profissão.

15 RESULTADOS

Dos cinquenta e dois entrevistados observamos que a maioria é composta por homens cerca de 61,53% eram do sexo masculino e 38,47% do sexo feminino. Não há estudos que façam uma análise da proporcionalidade entre os gêneros neste curso, entretanto ao analisarmos a razão de sexo é possível observar que apesar do superior número de mulheres em relação aos homens em nossa população brasileira, Curitiba (assim como Porto Alegre e São Paulo) tem essa proporção mais equivalente sendo, noventa e dois homens para cada cem mulheres (IBGE, 2007).

Entre os participantes as idades variaram entre vinte sete a quarenta e sete anos sendo que a média de idade é de 35,07 anos. 30,76% deles têm idades entre vinte e sete a trinta anos sendo a mesma porcentagem daqueles que compreendem as idades de trinta a trinta e cinco anos. Em menos contingente estão aqueles que possuem idades de trinta e cinco a quarenta anos representando 23,07% ainda, 15,38%, a minoria dos entrevistados, estão na faixa de quarenta e cinco a cinquenta anos.

Entre os homens as idades variaram de vinte e sete a quarenta e sete anos tendo uma média de idade de 33,87 anos. Até os trinta anos são 37,5%, sendo a mesma porcentagem das idades dos trinta aos trinta e cinco. Dos trinta e cinco aos quarenta anos representam 12,5% mesma porcentagem daqueles que possuem idades de quarenta e cinco aos cinquenta anos. A média feminina é de trinta e sete anos variando de vinte e sete aos quarenta e seis anos. 20% apresentam idades de vinte e cinco aos trinta anos, mesmo percentual daquelas

que estão entre os trinta aos trinta e cinco anos e também dos quarenta e cinco aos cinquenta anos. Em maior número estão aquelas entre os trinta e cinco aos quarenta anos num total de 40%.

Segundo Antunes (2003), até os trinta anos o número de instrutores em academias é crescente e após esta idade ocorre uma diminuição, fato que foi observado entre os homens, mas que não foi identificado entre as mulheres em que a maioria delas está entre os trinta e cinco aos quarenta anos. O mesmo autor relata a importância da aparência física nesta profissão, pois a imagem corporal é extremamente valorizada em nossa sociedade o que caracteriza os profissionais sobreviventes da EF os mais jovens e/ ou com aparência física jovial (ANTUNES, 2003 apud CARVALHO, 1995; COURTINE, 1995; COELHO FILHO, 1999). Nenhum dos entrevistados estava na faixa dos vinte aos vinte e cinco anos de idade.

Referente à formação 92,31% concluíram a licenciatura plena, isto é, profissionais habilitados a lecionar em escolas assim como em treinamentos enquanto que 7,7% são bacharéis aptos especificamente a trabalharem com o treinamento, rendimento físico e esportivo. Em seu estudo sobre a identidade do PEF, Massa (2002) comenta que a antiga licenciatura plena atraía candidatos que não atendiam a alguns requisitos básicos para a profissão, geralmente aqueles que não tinham perfil para a licenciatura. Ghilardi (1998) sobre o mesmo assunto acredita que o bacharelado veio para diminuir este problema justamente para atrair aqueles que preferem atuar na crescente área da profissão renegando a EF escolar.

Perguntados sobre a continuidade dos estudos 76,92% responderam afirmativamente sendo todos em pós-graduação e as maiores justificativas a atualização, a preparação para o mercado de trabalho e mais conhecimento. Dentre os que não continuaram seus estudos as justificativas foram questões financeiras e falta de tempo. No estudo de Antunes (2003), dos cento e trinta entrevistados apenas 15,38% deles respondeu afirmativamente no quesito da extensão universitária (pós-graduação), e os outros dizem aperfeiçoarem-se nos eventos referentes à sua área de atuação assim como leitura técnica. O mesmo

autor verificou que a grande maioria prefere trabalhar com um profissional mais experiente para poder absorver mais rapidamente e efetivamente os conhecimentos necessários.

Batista e Tojal (2009), sobre o estudo da pós-graduação em EF, afirmam a necessidade dessa continuidade acadêmica entendendo a importância de que estes programas devem formar novos formadores de pensamento, isto é, naquele que será responsável por uma imensa gama de conhecimento e propagação do mesmo. Não só como uma forma de melhorar e ampliar os conhecimentos da área, a extensão universitária leva para os caminhos da reflexão, pesquisa e identidade (TANI, 2000; MASSA, 2002; GHILARDI, 1998). Tani (2000) observa alguns desafios dos programas de pós-graduação, sendo alguns deles: maior oferta dos programas sem o detrimento da qualidade, aumento da produção científica de qualidade e conectividade às informações da graduação.

Na questão sobre a escolha da EF as respostas não variaram muito sendo que a maioria escolheu a profissão por ter algum tipo de afinidade ligada a ela. A grande maioria, 31% reportou o gosto pelo esporte, visto que é a forma mais popular da EF desde a fase tecnicista. A segunda maioria, 20%, diz gostar de trabalhar com o público, resultado que confere com o relatado durante a palestra da Body System em 2010. Já em relação ao fato de serem ex-atletas ou terem forte ligação ao esporte empatou em 9,1% além dos 4,54% que sempre praticaram algum tipo de esporte. Das nove respostas diferentes quatro estão ligadas ao esporte, em outras palavras, 54,54% tinham a visão estereotipada da profissão, isto é, EF é esporte. Três das respostas estão ligadas ao perfil filantrópico, pois 27,27% gostam de trabalhar com pessoas pensando no bem que podem proporcionar a elas. Sobre um estudo do esgotamento profissional em PEF, Santini e Molina Neto (2005) também obtiveram resultados semelhantes em que a maioria daqueles consultados escolheram a profissão por estarem intimamente ligados ao esporte. Estes autores ligaram a falta de conhecimento da profissão ao escolherem-na ao fato de que isso pode acarretar em problemas relacionados a síndrome de Burnout, nome que designa o

esgotamento profissional. Gondim (2002) também obteve resultados semelhantes com estudantes de diversos cursos, em que na hora da escolha da profissão não sabiam ao certo quais eram os limites e abrangências da profissão, suas responsabilidades e seu perfil de profissional, fato que levava muitos estudantes a reprovarem em disciplinas e a demorarem a formar seu perfil dentro do mercado de trabalho. Criticando os antigos técnicos de esportes que não obtinham nenhum título acadêmico superior, Ghilardi (1998) diz que qualquer pessoa poderia repetir gestos que aprenderam em qualquer situação e repassar a outro sem dificuldade nenhuma fundamentando a prática pela prática. Este fato justifica a necessidade da formação em EF esta que explica e compreende as várias faces do homem em seus anseios e necessidades.

A motivação referente à continuidade dos estudos, a justificativa que foi mais pronunciada foi no sentido de preparação para o mercado de trabalho (21,42%) e atualização com o mesmo percentual. 14,28% obter mais conhecimento sendo o mesmo número entre aqueles que desejavam melhor formação na área. Entre os 21,42% que responderam negativamente à formação continuada a justificativa baseou-se na falta de tempo e dinheiro.

No presente estudo, os cinquenta e dois entrevistados reportaram quinze diferentes áreas de atuação, sendo sete em academias e as outras oito não necessariamente nestes espaços. As atividades relatadas foram: escolar, tênis, laboral, assessoria esportiva, prestador de serviços, ergonomia, terapêutica, coordenação de esportes, natação, personal trainer, dono de academia, gestão de academias, pilates, musculação e ginástica.

No que tange o motivo da escolha da área de atuação 57,89% afirma gostar do que faz e outros 26,31% justificaram a escolha por questões de melhor remuneração ou oportunidade que surgiu (incluindo o motivo de ter passado em concurso público). Outros 10,52% responderam para maior aprendizado e também variar o trabalho. A grande maioria apresentou ter mais de uma área de atuação com a média geral de 2,1. Não houve relação com idade ou gênero.

Sobre a satisfação na formação acadêmica 35% acredita ter tido sido preparado de forma mediana, 6,9% empatou dizendo que não foram preparados

adequadamente, não o necessário e também porque faltaram disciplinas importantes. 14% acreditou ter tido uma boa formação. Verifica-se que 86% é o total de insatisfeitos com a formação acadêmica. Este resultado pode indicar duas possibilidades: um problema real das IES que não prepararam adequadamente seus discentes ou uma visão errônea que os estudantes vêm de um preparo universal das IES.

Hoje existem inúmeros estudos a respeito da IES ideal em que a prática e a teoria devem ser unidas e discutidas, entretanto nenhuma das publicações deixa de enaltecer a importância de continuar o aperfeiçoamento profissional. No estudo de Antunes (2003), 89,23% acredita que a graduação em EF é importante. Este número pode indicar uma irresponsabilidade profissional que pode ocasionar em não proceder conforme manda a ciência do esporte. Dentro do contexto escolar Santini e Molina Neto (2005), encontraram resultados semelhantes ao presente estudo naqueles formados recentemente ou há vários anos percebendo um grande descontentamento em relação à formação inicial em que a prática foi extremamente visada em detrimento do saber teórico. Ghilardi (1998) confirmou este erro dentro da formação nas IES em que a prática é maior que a ênfase teórica. Outro ponto em que alguns autores concordam é o fato de que as IES devem acompanhar o enorme crescimento das áreas de atuação do PEF assim como as possibilidades de enquadramento deste visto que o recente formado deve ter conhecimento das novas tendências e assim se encaixar (BUARQUE, 1994; GHILARDI, 1998; MASSA, 2002; ANTUNES, 2003; TOJAL, 2006).

Sobre a atualização profissional, foi a questão em que 100% dos entrevistados responderam afirmativamente, dizendo que através de cursos ou extensões universitárias atualizaram e ampliaram seus conhecimentos dentro de sua área. Os motivos relatados indicaram a necessidade pessoal de auto-aperfeiçoamento por sentir necessidade de inserção no mercado de trabalho, para manter-se nele ou para completar as lacunas da formação acadêmica. No item que relacionava a qualidade da formação e o mercado de trabalho houve uma variada discussão, pois tratam-se de opiniões. Foram relatadas

dezessete diferentes opiniões sendo mais referido a atualização, cerca de 12% que acredita ser o mais importante meio de atuação no mercado de trabalho seguido de bons professores e conhecimento com 9,57%. Os outros 66,66% citaram: formação técnica específica, participação de cursos durante o curso, pesquisas, exemplos éticos, lidar com público, dedicação, estudar, didática, embasamento teórico, gostar do que faz, dedicação, postura profissional e estágio obrigatório. O estudo de Antunes (2003) abordou o assunto referente às disciplinas que os profissionais entrevistados consideravam importantes. O resultado foi 98% que concordou que o conhecimento teórico (científico) é importante, porém houve uma supervalorização das ciências biológicas (anatomia e fisiologia por exemplo) em detrimento de outras ligadas às humanas. Ghilardi (1998) apud Tani (1996), acredita na interdisciplinaridade nas IES, visto que o conhecimento é composto do conhecimento e da experiência, ainda, a prática profissional interpessoal deve ser uma experiência vivida e não uma preocupação do curso.

Quando perguntados sobre o que é necessário para atuar no mercado de trabalho, obtivemos as respostas mais pessoais se comparada às outras perguntas, pois entende-se tratar de questões mais pessoais e de experiências profissionais que cada um passou ou é obrigado a conhecer. A maioria acredita que o conhecimento é o mais importante para manter-se no mercado de trabalho (14,7%), seguido de ética profissional e atualização (11,76%) e vivência nas diversas áreas da profissão (8,82%). Empatados em 5,88% obtivemos: força de vontade, paciência, dedicação e gostar do que faz. Outros motivos foram: gostar de trabalhar com pessoas, ser exemplo, didática, clareza de conceitos, persistência, propósito nas atitudes, comprometimento, valores e humildade. O estudo de Antunes (2003) revelou que 90% dos seus entrevistados acreditam que a leitura técnica científica sobre sua área é muito importante para manterem-se no mercado profissional e no presente estudo forma 26,46% que acreditam compartilham esta opinião (conhecimento e atualização).

16 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apesar da população brasileira em geral ter mais mulheres do que homens, na área da EF eles são mais numerosos além deles também comecem o curso de EF mais cedo levando à conclusão de que são mais decididos na hora da escolha desta profissão. O estudo de Mourão (2002) sobre a participação feminina nas atividades físicas, atribui o saliente contingente masculino a uma questão cultural visto que eles são mais estimulados a manter o domínio físico sobre elas. Em seu estudo, Bosi et al (2008) cita que a participação feminina nos esportes aumentou 600% nos últimos vinte anos. Mourão (2002) concorda que o significativo aumento das mulheres no esporte não foi uma pretensão de ocupação de espaço, mas sim uma lenta e progressiva tentativa de prática física durante as aberturas que a sociedade concedia à elas, conforme diz o texto:

Este processo de visibilidade da mulher no esporte não foi marcado pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social que se impunha, ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelecia na sociedade brasileira. Às mulheres foi sendo concedida e incentivada a prática de atividades físico-desportivas, através de alterações nas representações, pelos próprios movimentos autônomos dessas mulheres, e pela normatização da ideologia higienista e eugênica. (MOURÃO, 2002, pag 8)

Hoje, talvez com a mesma despreensão inicial por parte delas em poder participar das mesmas atividades e partilhar das mesmas oportunidades que eles, hoje resultou, em números, em uma participação equivalente entre os sexos, elas começam a estudar mais que eles. Foi possível notar que 80% delas fizeram pós-graduação na área da EF enquanto que entre eles apenas 65,5% continuaram seus estudos. Elas também prolongam suas atividades mais que eles, isto é, até os quarenta anos enquanto que eles até os trinta e cinco. As áreas de atuação profissional mais referidas nos questionários delas foram gestão e ginástica a primeira com a exigência do mercado em se atualizar e a segunda com a exigência física. Bosi et al (2008) afirmam que são elas as mais

preocupadas com a aparência física o que leva muitas vezes ao exagero. Como dito anteriormente, nesta profissão a aparência física é muito valorizada pela sociedade em geral o que leva estes profissionais a manterem-se fortes, saudáveis e com aspecto jovial para continuarem competitivos na profissão (ANTUNES, 2003 apud CARVALHO, 1995; COURTINE, 1995; COELHO FILHO, 1999). Verifica-se que elas permanecem por mais tempo na profissão e também estudam mais.

Na escolha da EF os motivos mais encontrados foram a ligação aos esportes e também o gosto pelo atendimento ao público. O primeiro resultou em 64% em ambos os sexos tendo uma média geral entre eles um total de 70%. Isso remete ao estudo de Mourão (2002) que trata a ligação do homem às práticas físicas como uma questão cultural. Entre elas o segundo motivo resultou em 42,86% o que leva a pensar que elas possuem atitudes mais acentuadas para o benefício do próximo.

A maioria das atividades exercidas pelos profissionais entrevistados são nas academias de ginástica, cerca de 71,14% atuam nestes espaços. José Maurício Capinussú (2006), sobre um levantamento das primeiras academias no Brasil, definiu estes espaços como locais para condicionamento físico, iniciação e prática esportiva de cunho privado. O autor diz que a partir do século XIX estas entidades privadas variavam em quatro diferentes linhas: atividades relacionadas aos clubes esportivos, natação, lutas e halterofilismo. Na década de 1940, após a inserção dos primeiros PEF pela Universidade de São Paulo, ocorreu uma diversificação das formas de prática das AF e isso ocorreu também nas academias, pois até este momento os responsáveis por estes espaços eram militares ou pessoas com grande experiência em alguma modalidade (CAPINUSSÚ, 2006). O resultado do presente estudo nos traz que ainda hoje os PEF se focam nestes espaços, fato de conclusão negativa para a profissão visto que existem diversos nichos que absorvem estes profissionais, tais como: hospitais, clínicas, empresas de administração, empresas de marketing, setores de empresas que cuidam da ergonomia, presídios, prestação de serviços com ginástica laboral e atendimento ao público portador de necessidades especiais.

Nenhum professor relatou ter somente uma atividade, o que resultou em uma média de pelo menos duas atividades por profissional entrevistado, mas com alguns acumulando até quatro diferentes atividades. A baixa remuneração destes profissionais levam a acumular funções dando vazão aos problemas de saúde, falta de tempo para organização profissional e pessoal falta de tempo e disposição para qualificação profissional (BENEVIDES; PEREIRA (2002) apud SANTINI; MOLINA NETO 2005)

O que chamou a atenção neste estudo foi os 86% de insatisfeitos com a formação acadêmica ora por sentimento de disciplinas faltantes ora por uma formação mediana. O estudo de Gondim (2002) sobre a relação da formação e perfil profissional, verificou que haviam lacunas de conhecimento sobre as profissões na hora dos estudantes escolherem os cursos além das expectativas da família (o que não ocorreu no presente estudo) acarretando nas seguintes consequências: demora na formação do identidade profissional individual, atitude amadurecida ou fragilizada com o curso superior e falta de clareza na competência profissional. Não à toa, todos os cinquenta e dois entrevistados continuam fazendo cursos na área, participando de simpósios e lendo artigos (científicos ou não) referentes à modalidade que se dedicam para continuarem atualizando ou manterem seus níveis de conhecimentos. Grande parte vê na atualização, uma importante atitude na formação acadêmica assim como outro grande grupo que acredita no conhecimento como ferramenta para a atuação no mercado de trabalho. No trabalho de Dinham e Stritter (1991) apud Reis (2002) há uma citação que reflete bem esta situação em que não ocorre a busca do conhecimento, mas somente sua atualização. A mesma autora também concorda na importância de se armar do conhecimento para a atuação dentro de uma profissão, porém com alguns componentes complementares:

Na caracterização de uma profissão o principal critério é a exigência de conhecimento formal, aquele elaborado acadêmica e cientificamente e que distingue as diferentes áreas de atuação profissional. As atividades desenvolvidas numa profissão são essencialmente intelectuais em caráter; técnicas e habilidades úteis, por mais refinadas que sejam, são necessárias, mas não

suficientes. É a partir do conhecimento formal que se estabelecem outros critérios como (a) a base num objeto de estudo, fenômeno, ou tema, e técnicas intelectuais; (b) um período longo de preparação especializada; (c) a prática profissional serve a fins úteis que têm valor social, requerendo a aplicação de conhecimentos; (d) a renovação e inovação decorrem de conhecimentos novos e relevantes, produzidos em disciplinas pertinentes à profissão e sua avaliação se faz à luz deles; (e) auto-organização; (f) estabelecimento de um código de ética e (g) altruísmo, ela não existe para si, mas para o benefício de outros. Recorrendo às análises da Sociologia das Profissões, pode-se perceber que não há consenso entre as definições do termo profissão. No entanto, alguns critérios são recorrentes em todas, ou em sua maioria, sendo o conhecimento formal aquele que se faz presente de forma unânime. (REIS, 2002, pag 42)

Dos 77% que continuaram seus estudos, nenhum fez mestrado, doutorado ou pós-doutorado, isto é, todos se concentraram na pós-graduação, alguns inclusive com mais de duas. Devemos entender que a iniciação de produção científica, a atitude investigativa e o desejo de pesquisa começa já na graduação fato que iria preparar melhor um candidato ao mestrado e posteriormente ao doutorado encurtando o caminho da formação, pois o que se vê nas graduações é o processo desproporcionalmente informativo em vez do formativo (TANI, 2000).

17 CONCLUSÃO

O presente estudo constatou um crescente número da participação feminina dentro da EF sendo elas também as maiores preocupadas na continuidade da formação e as que se estendem mais no quesito idade. A grande maioria dos entrevistados associou a EF aos esportes no momento da escolha da profissão, fato que nos leva a pensar no antigo e duradouro estereótipo da profissão advinda da fase tecnicista em que a EF era sinônimo de esporte, fato que só piora com o foco dos indivíduos deste estudo concentrarem-se nas atividades de academia. Todos os indivíduos que participaram da pesquisa relataram que continuam seus esforços nos estudos informais relativos às suas áreas de atuação em cursos tendo como justificativa a atualização dos

conhecimentos para manterem-se no mercado de trabalho. Mais da metade participou de cursos de pós-graduação para completar lacunas da graduação, para atualização e para mais conhecimento na atuação no mercado de trabalho. Estes que tiveram a formação continuada concentram-se nas idades de vinte e cinco a quarenta anos, eles na sua maioria até os trinta e cinco anos e elas entre os trinta e cinco e quarenta anos. Por fim, podemos compreender que o motivo dos PEF concentrarem-se apenas nos programas de pós-graduação voltado somente ao foco de trabalho dentro do mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alfredo Cesar **Perfil Profissional De Instrutores De Academias De Ginástica E Musculação** Revista Digital - Buenos Aires - Ano 9 - N° 60, Maio, 2003

ARANTES, Ana Cristina **A Cultura, A Educação E A Educação Física Na Grécia** Trabalho apresentado na IV Jornada de Estudos Antigos e Medievais na UEM, 2005.

BAIOCCHI, Alexandre Collares; MAGALHÃES, Mauro **Relações Entre Processos De Comprometimento, Enrincheiramento E Motivação Vital Em Carreiras Profissionais** Revista Brasileira de Orientação Profissional v.5 n.1 São Paulo junho, 2004

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt **Padrões de Comprometimento Com A Profissão E A Organização: O Impacto De Fatores Pessoais E Da Natureza Do Trabalho.** Revista de Administração, São Paulo v.35, nr 4, pag 48-60, outubro/ dezembro, 2000

BERGAMINI, Cecília W **Motivação: Mitos, Crenças e Mal-Entendidos.** Revista de Administração de Empresas São Paulo Abril-Junho, 1990

BETTI, Irene C. Rangel; BETTI, Mauro **Novas Perspectivas Na Formação Profissional Em Educação Física** Revista Motriz - Volume 2, Número 1, Junho,1996

Bosi, Maria Lúcia Magalhães; RONIR, Luiz Raggio; Uchimura, Kátia Yumi; Oliveira, Fátima Palha de **Comportamento Alimentar E Imagem Corporal Entre Estudantes De Educação Física.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 2008

BRASIL, Ministério do Esporte **Histórico.** Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/institucional/historico.jsp>

BRASIL, **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos** - Lei nº 9.394, de 20 De Dezembro De 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm

BRASIL, **Conselho Nacional de Saúde** – Ministério da Saúde O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Sexagésima Terceira Reunião Ordinária reconhece como profissionais de saúde de nível superior as seguintes categorias Resolução Nº 218, de 06 de março de 1997 Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/conselho/resol97/res21897.htm>

BRASIL, Ministério da Saúde – **Pesquisa para Saúde** – Por Que pesquisa em saúde: Textos Para Tomada de Decisão Council on Health Research for Development (COHRED), Global Forum for Health Research Brasília 2007 Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_saude.pdf

BUARQUE, Cristóvam **A Aventura Da Universidade** Editora Unesp, 1º edição, São Paulo 1994

BZUNECK, José Aloyseo; CARDOSO, Luzia Rodrigues **Motivação no Ensino Superior: Metas de Realização e Estratégias de Aprendizagem,** Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 8 n. 2, 2004

CAPES, Ministério da Educação **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** Diretrizes, estratégias e metas para dar continuidade e avançar nas propostas para política de pós-graduação e pesquisa no Brasil, 2010 Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/plano-nacional-de-pos-graduacao>

CAPINUSSÚ, José Maurício; DACOSTA, Lamartine (org.) **Academias de ginástica e condicionamento físico** – Origens Atlas do Esporte no Brasil . Rio De Janeiro: CONFEF, 2006

CASTRO, Marta Luz Sisson de; WERLE, Flávia Obino Corrêa **Estado do Conhecimento em Administração da Educação: Uma análise dos artigos publicados em periódicos nacionais 1982-2000** Ensaio: avaliação de políticas públicas na Educação v.12, n.45, Rio de Janeiro, 2004

CONFEF Conselho Federal de Educação Física – **Estatuto do Conselho Federal de Educação Física** Publicado no DO. nº 237 , Seção 1, 2010 Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=471>

DARIDO, Suraya Cristina **Educação Física Na Escola** - Questões E Reflexões Editora Guanabara Koogan São Paulo, 2003

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade **Educação Física na Escola** Editora Guanabara Rio de Janeiro, 2005

Dominicé, P. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. O método (auto)biográfico e a formação**, Lisboa 1985

FIEP Federação Internacional de Educação Física – **História** Disponível em:<http://www.fiepbrasil.org/index.asp?c=oqueeafiep>

GHILARDI, Reginaldo **Formação Profissional Em Educação Física: A Relação Teoria E Prática**. Revista MOTRIZ - Volume 4, Número 1, Junho, 1998

GIOVANI, Luciana Maria **Do Professor Informante ao Professor Parceiro: Reflexões sobre o Papel da Universidade para o Desenvolvimento Profissional de Professores e as Mudanças na Escola** Cad. CEDES vol. 19 n. 44 Campinas Abril, 1998

GONDIM, Sônia Maria Guedes **Perfil Profissional E Mercado De Trabalho: Relação Com A Formação Acadêmica Pela Perspectiva De Estudantes Universitários** Estudos de Psicologia, pag 299-309, 2002

HABERT, Allen **Educação Continuada A Distância No Desenvolvimento Profissional Dos Engenheiros** Fundação Vanzolini/EPUSP, 2001

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Mulher Hoje** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje.html>

JANUÁRIO, Carlos; FERRO, Fernando; ANACLETO, Francis; HENRIQUE, José **Desenvolvimento profissional: a percepção da importância da formação contínua e das necessidades de formação em professores de Educação Física** Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 135 - Agosto de 2009

KURIKI, Fernanda Marques **As Proposições Teórico- Metodológicas Para A Educação Física Escolar Das Décadas De 1980 E 1990: Antes, Agora, E Depois?** Bauru, São Paulo 2007

LEANDRO, Marcilene Rosa **Educação Física no Brasil: Uma História Política**. Centro Universitário UNIFMU, 2002

LES MILLS - **Body Systems,Workshop Trimestral** – Palestra: Musculação versus Ginástica, Curitiba 2010

MAGALHÃES, Carlos Henrique Ferreira **Breve Histórico Da Educação Física E Suas Tendências Atuais A Partir Da Identificação De Algumas Tendências De Ideais E Idéias De Tendências** Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 16, n. 1, p. 91-102, 2005

MAGALHÃES, Magali Costa **Maslow e Marketing** – Para Além da Hierarquia das Necessidades, s/d

MALINA, André; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto De **Memória Do Currículo De Formação Profissional Em Educação Física No Brasil** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p. 129-142, jan. 2004

MARINHO, Inezil Penna **História da Educação Física no Brasil** Editora Cia Brasil s/d

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza **Metodologia Qualitativa de Pesquisa** Universidade de São Paulo Educ. Pesqui. vol.30 no.2 São Paulo May/Aug. 2004 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007

MASSA, Marcelo **Caracterização Acadêmica E Profissional Da Educação Física** Universidade Presbiteriana Mackenzie Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, 2002

MORAES, Luis Carlos de **História da Educação Física** Cooperativa do Fitness Disponível em: <http://www.cdof.com.br/historia.htm>

MOREIRA, Evando Carlos; TOJAL, João Batista Andreotti **Gomes A formação em Programas de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação Física: preparação docente versus preparação para pesquisa.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 127-145, Outubro /dezembro de 2009.

NASCIMENTO, Dalton Arnoldo **Formação, Profissão e Empreendedorismo** - Três Estudos de Caso com Professores de Educação Física do Ensino Universitário Universidade do Minho, 2009

NEVES, José Luis **Pesquisa Qualitativa** – Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, v.1, nº 3, 2006

PINEAU, G. **A autoformação no decurso da vida** Université de Tours 2008

PONTE, João Pedro da **Da Formação ao Desenvolvimento Profissional** Universidade de Lisboa 1998

PRYJMA, Marielda Ferreira **A Pesquisa E O Desenvolvimento Profissional do Professor da Educação Superior** Universidade de São Paulo, 2009

RAMOS, Jayr Jordão **Os Exercícios na História e na Arte** – Do Homem Primitivo aos Nossos Dias Editora IBRASA, São Paulo 1983

REIS, Marize Cisneiros Da Costa **A Identidade Acadêmico-Científica Da Educação Física: Uma Investigação** Universidade Estadual De Campinas. redação final da tese de doutorado defendida e aprovada. Dezembro, 2002.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente **A Síndrome Do Esgotamento Profissional Em Professores De Educação Física: Um Estudo Na Rede Municipal De Ensino De Porto Alegre.** Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005

SANTOS, Glauco Evangelista dos; SILVESTRINI, Jeferson; DA SILVA, Vladimir Ribeiro **Comparação entre o perfil do profissional de academia de musculação e o perfil do**

profissional da Educação Física escolar Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 116 – janeiro, 2008

TANI, Go **Os Desafios Da Pós-Graduação Em Educação Física** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, volume 22, numero 1, setembro, 2000

TARDIF, Maurice **Saberes Profissionais Dos Professores E Conhecimentos Universitários - Elementos Para Uma Epistemologia Da Prática Profissional Dos Professores E Suas Consequências Em Relação À Formação Para O Magistério.** Faculté des Sciences de l'Éducation, Université Laval, 2000

TOJAL, João Batista **Diretrizes Curriculares para o Bacharelado em Educação Física: Novos Rumos** Revista da Educação Física/ UEM, Volume 14, Número 2, 2003

TOJAL. João Batista Andreotti Gomes; DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil Cenário da formação profissional em Educação Física, esportes e atividades físicas no Brasil** Rio De Janeiro: CONFEEF, 2006

UFPR Universidade Federal do Paraná Departamento de Educação Física – **Histórico** Disponível em:<http://www.edf.ufpr.br/historico.html>

USP Universidade de São Paulo Escola de Educação Física e Esportes – **História** Disponível em: <http://www.usp.br/eef/?pagina/mostrar/id/115>

ANEXO 1

